

Sabado, 24 de Fevereiro ás 11 1/2
Presidente Prof. Garrett

19 ✓ I

MANOEL JOAQUIM DOS SANTOS

Appt Prof { *Laureado em*
Medicina
Centro Romano Athén
Vespa Prof { *Feira de Bayona*
Laureado em
Medicina

En. M
R. M.

"O ESTADO SANITARIO DO PORTO EM
FACE DAS ESTATISTICAS DEMOGRAFICAS"



Tese de doutoramento apresentada
à Faculdade de Medicina do Porto

205/1 FNP

Fevereiro de 1923.

FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO

Director - Dr. João Lopes da Silva Martins Junior

Secretario ~~geral~~ - Dr. *Antonio de Almeida Garrett*

PROFESSORES ORDINARIOS

Anatomia descrit.^a - Dr. Joaquim Alberto Pires de Lima

Histologia e Embriologia - Dr. Abel de Lima Salazar

Anatomia topografica - Vaga

Fisiologia geral e especial - Vaga

Farmacologia - Vaga

Anatomia patologica - Dr. Antonio Joaquim de Souza Junior

Bacteriologia e Parasit.^a - Dr. Carlos Faria Moreira Ramalho

Patologia medica e molestias infecciosas - Dr. Alfredo da Rocha Pereira

Patologia cirurgica - Dr. Carlos Alberto de Lima

Medicina interna - Dr. Tiago Augusto de Almeida

Clinica cirurgica - Dr. Alvaro Teixeira Bastos

Terapeutica geral e Hidrologia medica - Dr. José Alfredo Mendes de Magalhães

Higiene e Epidemiologia - Dr. João Lopes da Silva Martins Junior

Historia da Medicina e Deontologia medica - Dr. Maximiano Augusto de Oliveira Lemos

Anatomia patologica - Dr. Antonio Joaquim de Souza Junior

Dermatologia e Sifiligráfia - Dr. Luiz de Freitas Viegas

Psiquiatria - Dr. Antonio de Souza Magalhães Lemos

Medicina Legal - Dr. Manoel Lourenço Gomes

Pediatria - Dr. Antonio de Almeida Garrett

Patologia geral - Dr. Alberto Pereira Pinto de Aguiar

Professores jubilados:

Dr. Pedro Augusto Dias

Dr. Augusto Henrique de Almeida Brandão

A Faculdade não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação.

(Art.º 15.º do Regulamento da Faculdade de Medicina do Porto).

PROLOGO

A cidade do Porto é a cidade cemiterial portuguesa...

RICARDO JORGE.

As palavras do eminente higienista da nossa terra com as quais abrimos este modesto trabalho são, ao mesmo tempo, um estímulo e uma justificação.

Um estímulo para nós, porque nos solicita a interpretação dos algarismos estatísticos-demográficos, sem o alarme que o pendor ~~peior~~ optimista da nossa sociedade sentiria erguer-se, na constatação apavorante da mortalidade no Porto.

Uma justificação porque não vemos que á eloquencia daquelas palavras tenha correspondido a vasta literatura que ellas reclamam.

O Porto, a cidade industrial por excelência, em posse plena da plétora de urbanismo que invade de lá a lá a terra inteira, vê indiferente manter-se a taxa enorme da sua mortalidade :

Não visa o nosso estudo esboçado no rápido transcurso de poucas semanas, estabelecer normas de hygiene profilática. Cabe esse encargo, alías bem pesado, a quem, com mais titulos de merecimento scientifico, o possa e queira fazer; temos como objectivo tão somente fazer realçar com a / curva dos algarismos, tão significativos na expressão fixa, como, infelizmente as palavras de Ricardo Jorge impressionam pelo que tem de dolorosamente verdadeiro: O PORTO É A CIDADE CEMITERIAL e o que ainda compromete mais um pouco o seu futuro: uma das suas principais causas de morte endemica por excelência: a tuberculose da zima / sobretudo, o que na nela de mais viril.

Pesa-nos não termos nem o tempo nem a competencia para podermos tirar todas as conclusões e levarmos até ás ultimas consequências os resultados das nossas indagações. Confiámos, entretanto, que o Exm.^o Juri será o pri-

meiro a revelar-nos as deficiências, acostumado como
anda a dispensar a mais benévola tolerância ás hesitações
de quem se inicia em estudos desta natureza, cheios de
complexidades e subtilidades.

E, quanto ao nosso illustre presidente de tésse o
exm.^o Sr. Dr. Antonio de Almeida Garrett a quem devemos
as melhores incitações e os mais carinhosos amparos, aqui
lhe deixamos consignado todo o respeito, consideração
e estima que lhe dispensamos.

O AUCTOR

CAPITULO I

MORTALIDADE NO PORTO EM RELACÃO COM A DE OUTRAS CIDADES PORTUGUEZAS E ESTRANGEIRAS.

Taxas demogonicas das capitais de districto

Cidades	Taxas por mil - media de 1907-1909	
	Nata- lidade	Morta- lidade
Aveiro.....	24,16	14,73
Beja.....	20,08	18,44
1 Braga.....	23,58	35,16
Bragança.....	31,73	22,04
Castelo Branco.	20,07	22,62
Coimbra.....	22,11	23,05
3 Evora.....	29,27	32,74
Faro.....	20,26	21,56
Guarda.....	22,35	22,32
Leiria.....	24,66	26,26
Lisboa.....	25,57	23,31
Portalegre.....	22,47	21,24
4 Porto.....	26,67	20,58
Santarém.....	22,79	16,03
Viana do Cast.ª.	22,07	20,90
Vila Real.....	20,22	20,19
2 Vizeu.....	19,31	23,52
Angra do Her.ª.	25,04	22,43
Funchal.....	37,31	26,60
Horta.....	24,16	20,22
Ponta Delgada..	22,50	16,82
MEDIA DAS MEDIAS	27,82	22,31

Examinando este quadro, vê-se que a mortalidade se escalou entre os mais afastados limites; na de todos os quebrados, desde a cota inocente de Aveiro á letal de Braga.

À beira de 15 ϕ estão Aveiro e Santarém entre 15 e 20, Ponta Delgada e Beja; de 20 a 25 contam-se Vila Real, Viana, Horta, Portalegre, Faro, Bragança, Coimbra, Angra, Castelo Branco, Guarda, Lisboa e Leiria; de 25 a 30 Funchal; de 30 a 35, Porto, Évora, Vizeu e Braga.

Destas vinte e uma cidades, doze acantam-se entre 20 e 25 em índice relativamente moderado, quatro formam o grupo das taxas benignas inferiores a 20, e uma só (Funchal) preenche a casa dos 25 a 30; infelizmente temos quatro com taxas excedentes a 30, das quais bem se podem chamar hyper-letaes, e ás quais pertence o Porto.

A media das medias atinge 23,81, excedente á taxa geral do País que foi de 19,61 no triénio.

O Porto é uma das mais insalubres ~~das~~ cidades da Europa.

Atesta-o a cifra da sua mortalidade que é, por assim dizer o instrumento aferidor das condições hygienicas em que *decorre a vida na aglomeração citadina.*

O que uma taxa de 30 representa como certificado de mortalidade do Porto, infere-se facilmente de confronto com as taxas de outras cidades estrangeiras.

Temos cem cidades com que podemos estabelecer este confronto, tomando as cifras de mortalidade nos anos de 1905 a 1909. Dessas cem cidades, somente quatro se aproximam do Porto no que diz respeito a mortalidade; Moscow, com a taxa de 29,6; Barcelona com a de 28,7; Múcarest com a de 28,4 e Nancy com a de 25,9. Todas as outras estão abaixo de 25, a maior parte mesmo abaixo de 20. 21 com taxas entre 20 e 25, 37 com taxas entre 15 e 20 e 38 com taxas entre 10 e 15.

Destas ultimas podem citar-se como exemplares de cotas ínfimas, as seguintes:

Barmen (12,6) Cappel (12,7), Essen (12), Erberfeld (12,6) Hixdorf (11,3), Shoneberg (11,3), Bristol (12,8), Rotterdam (12,6) Haya (12,5) Zurich (12), etc.

Sendo o Porto uma terra de natalidade elevada, é natural que tenha pela abundancia de creanças, sempre mais merredoiras que os adultos, uma elevada letalidade.

Até que ponto, porém, um facto condiciona o outro ?

Num trabalho do Prof. Ricardo Jorge publicado nos "Arquivos do Instituto Central de Higiene", e intitulado "Demogenia e mortalidade das cidades portuguezas", este illustre higienista põe a questão nos seguintes termos:

- Um contraste resalta destes confrontos internacionais: as cidades lá de fora dão a nota de menos natalícios; as nossas de mais mortalícios. Haveria relação entre a mortalidade e a natalidade? - Discutimos já em tempos este tema que tem sido contraditoriamente agitado pelos praxistas.

Concordancia regular entre a nascença e a mortandade está longe de ser uma regra demologica. De ha muito que se fez notar para a estatistica das cidades alemãs e outras; o rol agora apresentado das portuguezas tambem mostra a descoincidencia formal das duas linhas dos nascimentos e obitos.

Força é porem reconhecer que aqui e alem a conexão se manifesta; mostramo-lo em tempo para a demogenia geral do país e particular do Porto.

Como as oreangas são mais morredoiras, se ha mais ber-

gos, é natural que haja mais covas. O fenomeno porem não avulta, tão complexa é a condicionação e o obituario. Mas o Porto é um exemplo inegavel; a fartura de nados é, pela mortalidade infantil, uma das causas da sua desmarcada mortalidade. -

O que fica dito pode levar a quem for optimista a pretender desculpar a taxa de mortalidade do Porto, com a sua rara fecundidade. Mas, se esta, sem duvida, contribue para que o nosso obituario atinja tão formidaveis proporções, a verdade é que tal influencia não serve para diminuir em nada a justiga do apodo de insaluberrissimo, que ao Porto de direito cabe. (Palavras do Prof. Almeida Garrett).

Num outro trabalho sobre "Demografia e higiene da cidade do Porto" o mesmo prof. reconhece a inanidade do argumento para o caso do Porto, quando compara as suas cifras mortuarias com as referentes a Lisboa. "O Porto goza de farta nascença, mas paga-a com avultados oitos. A sua mortalidade avanta-se á de Lisboa, mas tambem a excede em nascimentos; as quotas obituarias são proporcionais não ás quotas natalicias. E assim se explicaria a diferença das suas taxas

em favor de Lisboa. Na capital morrer-se hia menos, porque se nasce menos; a salubridade, ou antes a insalubridade seria a mesma para o Porto e Lisboa. Este optimismo não co-lhe, em face da mortalidade etaria, que nos vem demonstrar quanto se morre mais aqui do que lá e em todas as cidades; não ha duvida, pois que a insalubridade intertem para exa-gerar a nossa dizima ".

Mais adiante, em face das taboas de mortalidade e sobrevivencia, em cotejo com Berlim e Hamburgo, mostra que "mais uma vez os numeros clamam a nossa desesperada situação sanitaria. E não nos cansaremos de repetir que o mal não está só no destroço infantil; os adolescentes e adultos soffem uma valente chacina nas idades mais validas e viveleiras. Não ha duvida que estão sujeitos a condições anormais e maleficas da existencia".

As taxas favoraveis apresentadas por muitas cidades estrangeiras, representam esforços persistentes pelo progresso sanitario, que aqui se não tem feito. É o que se de-duz do seguinte quadro:

Cidades	Natalidade 1909	Mortalidade	
		1900	1909
Bochum.....	42,1	31,4	19,0
Chemnitz.....	31,3	33,4	15,7
Coln.....	31,2	29,2	16,8
Danzig.....	30,9	31,3	19,7
Dortmund.....	37,6	31,1	16,7
Dusseldorf.....	29,8	30,0	14,0
Essen.....	33,7	27,3	13,0
Kiel.....	29,8	22,1	13,3
Manheim.....	33,3	23,8	16,1
Munich.....	29,6	26,0	16,3
Plauen.....	32,5	22,9	14,2
Hull.....	39,2	23,0	14,8
Liverpool.....	31,0	27,2	18,3
Rhedda.....	41,0	23,1	16,4
Sheffield.....	30,8	22,9	15,3
Rotterdam.....	30,8	24,8	12,6

Num simples golpe de vista se observa quanto tem baixado no estrangeiro as taxas da mortalidade.

E isto é em relação a 1909. Hoje indubitavelmente devem estar muito mais reduzidas, onde a guerra não fez sentir os seus efeitos.

Podemos nós conseguir o mesmo ?

Estou plenamente convencido disso; mas para tal conseguir era preciso que os nossos poderes publicos olhassem mais para os interesses de todos nós, obrigados por uma opinião mais consciente dos seus verdadeiros interesses.

Examinemos ainda o seguinte quadro que completa o anterior:

Cidades	Mortalidade				Anos : Redução	
	Anos	Taxas	Anos	Taxas	de in-: na taxa	terv. 2:
Berlin.....	1885	25,7	1897	17,6	11	8,1
Charlottenberg..	1885	29,1	1902	13,6	16	15,6
Crefeld.....	1890	22,9	1906	13,6	15	9,3
Hamburgo.....	1887	27,3	1905	16,6	17	11,7
Munich.....	1888	23,5	1907	18,0	18	10,6
Budapest.....	1887	22,6	1902	19,6	14	13,1
Anvers.....	1891	22,3	1904	14,9	12	7,4
Milão.....	1882	30,4	1898	21,7	16	8,7
Amsterdan.....	1900	28,2	1908	13,6	5	6,6
Rotterdam.....	1892	22,1	1906	14,3	13	7,8
Stockholm.....	1881	26,0	1877	17,4	14	8,6
Capetown						
XXXXXXXXXX...	1900	22,9	1907	17,2	7	12,7
Buenos-Aires						
XXXXXXXXXX.....	1889	26,4	1904	16,2	14	13,2
Nova York						
XXXXXXXXXX...	1882	26,4	1908	17,1	15	8,3
Rio de Janeiro						
XXXXX.....	1885	27,1	1908	22,3	10	14,8
Lisnay.....	1885	21,8	1900	11,8	14	10,1

Fago a apreciação deste quadro com as mesmas palavras com que o illustre professor Dr. Almeida Garrett fez um artigo publicado na "GAZETA DOS HOSPITAIS" e intitulado "A Mortalidade no Porto".

Como é grande o poder da Higiene na vitalisação dos povos !

Bem dita a sciencia que em tão larga escala distribue a vida e saude e que nós prezamos como coisa de somenos importancia; ela que só por si faz bem mais, prevenindo a doença, que tantas maravilhas terapeuticas ante as quais nos prostramos em inconsiderada reverencia".

Ha anos (1837) que se podiam pôr ao lado do Porto, Ruão, Bucarest e Moscovia. Ruão está para a França como o Porto para Portugal.

Hoje, sem duvida, estas cidades estão muito mais saneadas, somente o Porto continua no mesmo estado pois em Portugal só se descaram os interesses da colectividade na pratica dum feroz e anómalo egoismo.

CAPITULO II

A MORTALIDADE DO PORTO ATRAVES DOS ULTIMOS
ANOS

-:-:-:-

Sendo a população do Porto em 1921 de 194.000 habitantes e a de 1920 de 803.000 inferre-se que a média de crescimento anual foi de 1.000 habitantes, taxa aritmetica que, actualmente deve ser mais verdadeira que a geometrica.

Pósto isto, percorramos com a vista o seguinte quadro em que no correr dos anos se apontam as taxas de mortalidade:

1880 - 1884.....	31,94
1885 - 1889.....	32,63
1890 - 1894.....	30,32
1895 - 1899	29,62
1900 - 1904	29,32
1905 - 1909.....	31,00
.....	
.....	
1913.....	29,16
1914.....	26,92

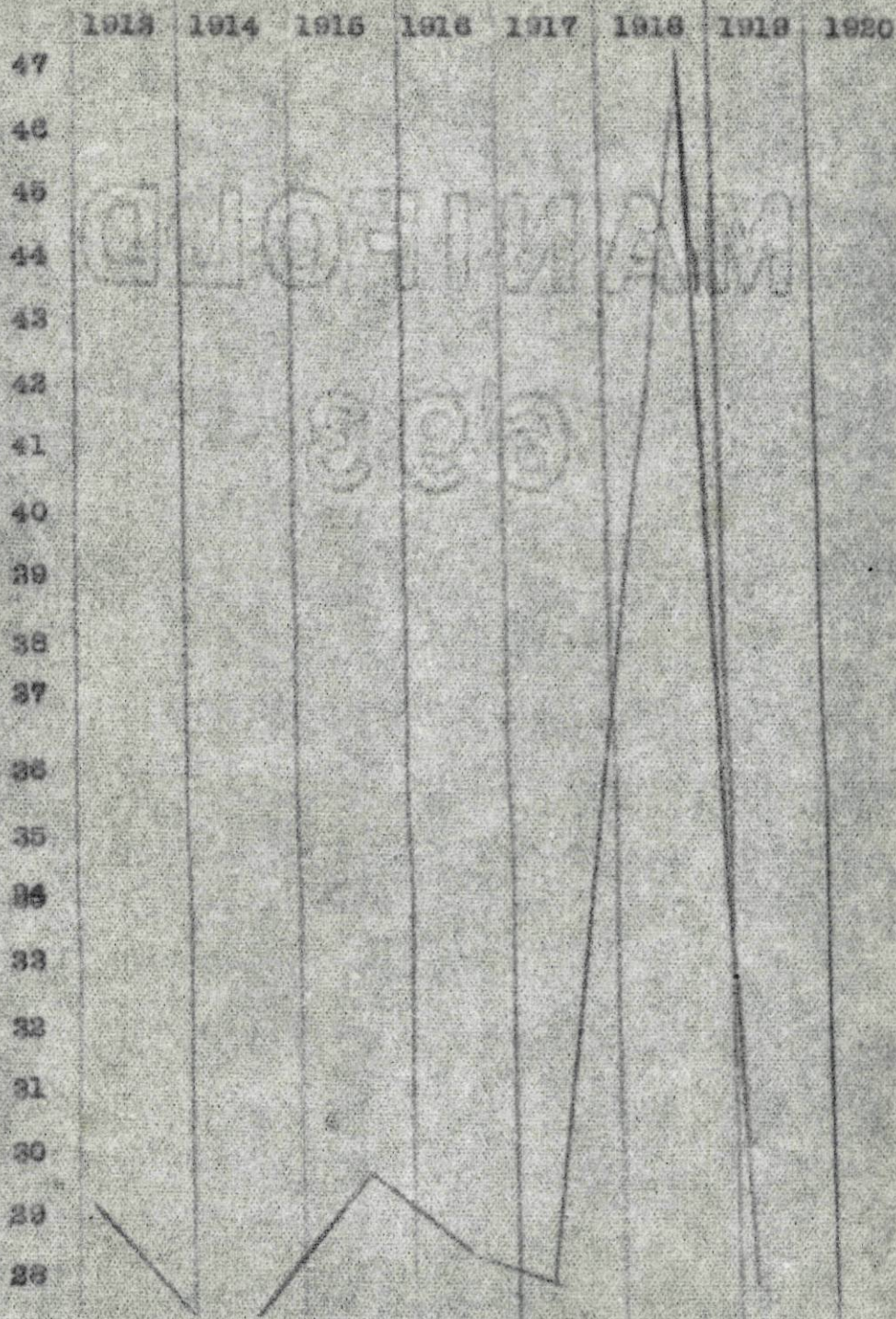
1915.....	29,97
1916.....	28,52
1917.....	27,92
1918.....	47,58
1919.....	36,71
1920	27,57

Vê-se por estes números que a taxa anual média até 1909 foi, em número redondo de 30 obitos por 1.000 habitantes; de 1913 a 1920 esta taxa subiu ^a para 31,79. (Da razão deste crescimento falaremos no Cap.º III).

Esta taxa já de si muitíssimo alta tem-se mantido com poucas oscilações de na 30 anos para cá.

Por isto se vê que o Porto não tem feito progresso algum na sua salubridade.

O phenomeno desolador da fixação dessa media alta de taxas ainda é mais flagrante no seguinte grafico que limitamos ao período que vai de 1913 a 1920:



Arredando mesmo 1918, ano excepcional, que teimosia
impertinente da linha do grafico, obstinada em não descer
abaixo do indice 28 !

CAPITULO III

AS CAUSAS DE MORTE NO PORTO, DESDE 1913 a 1920

Causas de morte	Obitos	Medias ^{ano} por 1000
Febre tifoide.....	387	37,125
Tifo exantematico.....	1790	233,750
Febre e caquexia palustres.....	22	2,750
variola	926	115,750
Sarampo.....	517	64,625
Escarlatina.....	6	0,750
Tosse convulsa.....	389	48,625
Difteria e garretinho.....	210	26,250
Grippe.....	1817	227,125
Colera asiatica.....	...	
Colera nostras.....	5	0,625
Outras doengas epidemicas.....	184	23,000
Tuberculose dos pulmoes.....	6050	756,250
Tuberculose das meninges.....	377	47,125
Outras tuberculoses.....	944	118,000
Cancro e outros tumores malignos.....	1132	141,500
Meningites simples.....	1724	221,750
Meningite cerebro-espinhal epidemica...	106	13,350

a

MANIFOLD

Suicídios.....	131	16,375
Outras doenças.....	5.488	686,000
Doenças ignoradas ou mal defi- nidas.....	1.577	197,125

Do exame deste quadro, resumo dos quadros oficiais, infere-se que a doença que mais vítimas fez neste lapso de tempo (1913-1920) foi a diarreia e enterite até 2 anos com uma média de 830, 375. A seguir vem a tuberculose dos pulmões com a média de 756,860. A seguir na lista vem outras doenças com a média de 686,000. Temos, segundo sempre a mesma ordem decrescente a diarreia e enterite além de 2 anos, outras doenças do aparelho respiratório, lesões orgânicas do coração, gripe, tifo exantemático, meningite simples, debilidade congênita e vícios de conformação, doenças ignoradas ou mal definidas, bronquite aguda, câncer e outros tumores malignos, senilidade, nefrite e mal de Bright, outras tuberculoses e variola, com médias entre 413,750 (outras doenças do aparelho respiratório) e 115,750 (variola) .

Por ultimo temos mais vinte e uma doencas com medias inferiores a 100 e que variam entre 96,750 (pneumonia) e 0,635 (colera nostras) não entrando em linha de conta com a colera asiatica que não causou morte alguma durante este tempo.

A tuberculose dos pulmões com 756,250 e ninguém quer ver quanto isto pesa na vida e bem estar dos habitantes do Porto ! Mas este quadro que se prestaria a largas considerações precisas, pelo menos, de ser detalhado em alguns pontos: doencas epidemicas, tuberculose, e mortalidade infantil.

CAPITULO IV

AS DOENÇAS EPIDEMICAS NO PORTO DESDE 1913-1920

	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920	TOT.
Febre tifoide.....	19	17	23	18	40	27	58	87	297
Tifo exantematico ..	..	..	1	..	6	1188	571	15	1790
Febre e caquexia palustres..	5	5	5	..	2	1	2	1	22
Variola.....	..	..	..	..	..	343	577	8	928
Sarampo.....	83	10	135	114	8	88	11	71	527
Escarlatina.....	..	2	2	..	..	1	1	..	6
Danse convulsa..	36	35	48	74	21	38	74	52	389
Difteria e gar- rotinho.....	28	18	34	32	24	20	24	32	210
Trípe.....	39	20	25	28	41	1365	175	114	1817
Cholera Asiatica.	..	..	..	..	..	..	..	..	..
Cholera nostras..	..	..	..	..	1	..	4	..	5
Menigitte cerebro- spinal epidem.	8	5	5	7	6	8	17	49	106
Outras doenças epidemicas....	13	18	22	20	14	10	29	49	184

Do exame deste quadro deduz-se que das doenças epidemicas

que grassam no Porto, as que mais mortandade fizeram foram: em primeiro lugar a gripe principalmente em 1918, 1919 e 1920; e em segundo lugar o tifo exantematico que tambem teve o seu maximo em 1918 e 1919; em terceiro lugar vem a variola que igualmente fez muitas victimas nos mesmos anos de 1918-1919; em quarto lugar está o sarampo que teve o seu maximo em 1915-1916; em quinto lugar, a tosse convulsa que durante estes aa 8 anos pouco differiu, e não ser em 1916 e 1919 que teve um pequeno acrescimo; em sexto lugar está a febre tifoida que atingiu o maximo em 1920; em oitavo lugar a difteria e garrotilho que em todos estes anos feriu do mesmo modo; em nono lugar temos outras doencas epidemicas e meningite cerebro-espinhal epidemica; por ultimo, em decimo lugar temos febre e caquexia palustres, escarlatina e colera nostras.

Pelo que diz respeito á gripe, tifo exantematico e variola, foram epidemicas em 1918, principalmente, decrescendo para 1919 e 1920.

A expansão que teve o tifo exantematico, só pode justificar-se pela falta de habitos higienicos da população; assim como o facto de haver epidemia de variola indicia claramente

que a vacina se não faz na escala que devia ser feita.

A endemia da febre tifóide, denuncia poluição habitual das águas.

O numero de obitos por sarampo, quer dizer que a assistencia ás crianças portadoras desta infecção, deixa muito a desejar.

A TUBERCULOSE NO PORTO

Olhemos primeiramente os números:

	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920	Total
Tub. pulmonar..	666	676	747	727	719	931	832	752	6.050
* das meninges.	51	45	45	61	34	48	48	45	377
Outras tub.*	133	108	98	116	127	131	117	114	944

Do exame deles vê-se que a tuberculose pulmonar, é, de entre ^{as} outras tuberculosas, a que maior mortalidade dá (6.050). É a forma vulgar da tuberculose dos adultos. Nas outras idades, as demais formas juntam a maioria dos obitos por bacilose. Assim, veem em seguida outras tuberculosas com o numero de 944 obitos e por ultimo a tuberculose das meninges com o de 377. Ao todo, em 8 anos - 7.371 obitos.

Vê-se ainda neste quadro que o ano de 1918 foi o que mais sofreu, decerto pelas epidemias da gripe que nesse ano ^X grassaram.

Num outro quadro que me é impossível juntar, observa-se que a tuberculose pulmonar fere em todas as idades, attingindo o maximo entre os individuos de 20 a 30 anos.

A tuberculose das meninges fere os individuos da 1.^a e 2.^a infancia, atingindo ainda parte da adolescencia. Não quero dizer com isto que esta doença não atinja os adultos e mesmo os velhos.

outras tuberculoses, atinge indiferentemente todas as i-
dades.

A contribuição que o Porto paga, em vidas, á tuberculose, é, como se vê, elevadíssima. Ela mostra que a situação sanitaria da cidade é má, que são precarias as condições de resistencia ao mal, e que o contagio está espalhadissi-

CAPITULO VI

A MORTALIDADE DAS CRIANÇAS, ATÉ AOS 5 ANOS, DO PORTO, DE 1913 A 1920.

Idades	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920	TOTAL
0-31 d	363	345	333	335	327	314	286	344	2.638
1-3 m	303	248	276	300	241	251	242	245	2.106
3-5 m	363	292	346	330	294	298	240	286	2.449
6-11 m	520	474	527	482	359	434	375	373	3.615
1 a	570	546	749	608	477	651	508	359	4.568
2 a	381	222	237	245	228	443	320	166	2.212
3 a	132	99	181	144	130	264	234	152	1.236
4 a	96	84	116	83	88	194	175	120	956
Total	2728	2310	2884	2518	2144	2842	2380	2065	18.878

Nota-se, examinando este quadro, que a mortalidade nas crianças é pavorosa. Em todas as idades, elas são atingidas, mas principalmente até à idade de 1 ano, em que atinge o máximo.

E, coisa curiosa, nota-se ainda que o ano de 1918 foi o

que mais victimas fornecem.

Das doenças que nestas idades mais estragos fazem, vem em primeiro lugar a diarreia e enterite, seguindo-se depois em ordem decrescente, Debilidade congenita e vícios de conformação, outras doenças, bronquite aguda, meningite simples, varíola, sarampo, etc.

Daria trabalho muito longo o estudo de cada uma das causas de mortalidade infantil. Desejo apenas mostrar que ela continua a ser elevadissima, sendo um sinal bem frizante da falta de instrução higienica e dos poucos cuidados que ha com os amamentados, mormente no que respeita á alimentação, o que é comprovado pela grande mortalidade devida a afecções gastre-intestinais.

É um mal que persiste com o da mortalidade em geral, como o provam os numeros do seguinte quadro de taxas de mortalidade infantil, de 1913 a 1920:

Anos	Taxas
1913.....	388,183
1914.....	348,851
1915.....	434,926
1916.....	380,822
1917.....	371,641

1918.....	618,406
1919.....	508,353
1920.....	336,100

- 1.ª - O Porto continua a ser uma das mais insalubres cidades da Europa;
- 2.ª - O Porto, ao contrario duma enorme serie de cidades estrangeiras, não tem promovido a descida da sua taxa de mortalidade;
- 3.ª - O Porto dá no contingente da mortalidade uma cifra imensa no capitulo da tuberculose que lhe fere de preferencia a gente viril; a mortalidade das crianças atesta a incultura publica em materia de hygiene;
- 4.ª - O Porto condicionou a expansão do tifo exantematico em 1918 com a sua pessima salubridade e ignorancia da hygiene individual;
- 5.ª - O Porto mantem uma taxa respeitavel de mortalidade pela febre tifoide que se deve attribuir ao seu mau abastecimento em aguas, e a persistencia da variola denota insufficiente servico de vacinação;
- 6.ª - O Porto, a despeito da sua elevada natalidade, a enorme mortalidade priva-o dum futuro risenho, enquanto as condições de salubridade urbana se não modificarem num sentido progressivo.

VISTO

PODE IMPRIMIR-SE

ALMEIDA GARRETT

LOPES MARTINS

Presidente

Director